

RODRIGO ACCIOLY

O meio ambiente é um elemento essencial na arte da carioca Christina Oitica, que realiza seu trabalho em total consonância com a natureza. Desde o início da década passada, esta cidadã do mundo, que vive entre os Pirineus Franceses, Zurich e Rio de Janeiro, tem percorrido trilhas em caminhos sagrados ao redor do mundo enterrando quadros para que ao longo de meses a natureza se torne coautora dos trabalhos, que, depois, são apresentados ao público, tal como foram retirados da terra.

O ano de 2010 para Christina começou com a retirada da terra, em janeiro, das obras que deixara, meses antes, no Caminho de Kumano, no Japão (além de exposição no museu Kumano Hongu Heritage Center), "irmão oriental" do Caminho de Santiago, eternizado no primeiro livro de seu marido, Paulo Coelho, hoje um dos brasileiros mais reconhecidos no mundo. Em seguida, em março, com o apoio da Casa Brasil e do **Jornal do Brasil**, realizou no Hotel Diplomat, em Estocolmo, um sonho antigo: o de mostrar no formato de uma exposição, a série de obras deixadas na Floresta Amazônica em 2004 e desenterradas em 2005. Outro momento marcante foi a mostra *Portais*, inaugurada em 25 de julho, em Santiago de Compostela, um trabalho feito em conjunto com o pintor Romero Brito, com textos de Paulo Coelho.

No próximo ano, Christina terá desafios importantes. O primeiro será no semiárido nordestino, onde interagirá com outra Oitica, a árvore que deu nome à sua família. No segundo semestre enterra quadros na China, durante o Guangzhou Live Festival. De Paris, Christina concedeu entrevista à revista **JB Ecológico**.

Depois de ter enterrado obras em caminhos sagrados, como os de Santiago de Compostela e de Kumano, além da Floresta Amazônica, seu próximo projeto será no sertão nordestino. Que motivações a levam a realizar um trabalho na a região?

— São as minhas raízes. Sei que a terra é seca e a intervenção no meu trabalho pode ser muito pouca. Mas minha família vem toda do nordeste

Do Nordeste ao Oriente

**Christina Oitica
percorre o
planeta com a
missão de fazer
da natureza a
coautora de seu
trabalho
artístico**

e o meu sobrenome foi escolhido por causa de uma grande árvore frondosa do sertão cujas ramas vão quase até o chão dando uma sombra maravilhosa de 15 a 20 metros de circunferência. A sombra permanente que projeta na nudez ensolarada do sertão é um ameno refrigerio para o homem e para os bichos. O seu valor, entretanto, no passado, advinha das sementes, ricas em óleo (60%), próprio para tintas e vernizes de alto poder secativo.

E as expectativas em relação ao cenário que encontrará?

— Não gosto muito de falar antes, pois como ainda não tenho nada marcado... Gostaria de fazer e contar no momento.

Como será a expedição, que roteiro

pretende percorrer?

— Como falei, ainda não tenho nada marcado, mas penso em ir a cada estado onde há uma oitica e trabalhar junto com ela. Um dia desses, entrei no Google Maps e digitei no nordeste o nome oitica, e ele assinalou um ponto no mapa. Fui aproximando e achei que era uma cidade, fiquei surpresa pois sei que não existe nenhuma com esse nome, mas era a localização de uma grande oitica no meio do sertão. Se não me engano, era em Pernambuco ou Paraíba. Penso também em percorrer o Caminho de Peregrinação do Padre Cícero, de Juazeiro do Norte no Ceará.

Um de seus projetos para 2011 é enterrar obras na China...

— Sim. Será em um festival de arte do qual já participei em Sête (*uma ci-*

dade no sul da França). Lá eu trabalhei com os quatro elementos. Foi maravilhoso, e, como é uma cidade costeira, trabalhei na praia. Tinha a ilusão de levar meus pigmentos e a tela, e as ondas trabalharem lentamente com a cor. Mas, como existe o inevitável, esse dia era de ressaca total, e tinha uma audiência na murada assistindo e mais jornalistas e cinegrafistas. Não sabia o que fazer: o mar estava impossível eu não conseguia fixar nada na tela. Meditei e a inspiração veio, além de ter levado os pigmentos em pó tinha também em bastão, e comecei a trabalhar com o bastão nas pedras, na areia, e foi lindo. Esse trabalho se chamou *Four time*, os quatro tempos. O mesmo festival está acontecendo agora na China. Eu iria enterrar neste ano, para, no próximo, fazer a exposição,

Desenterrando quadros — O reencontro da artista com sua obra no Caminho de Kumano, no Japão, em janeiro deste ano

Divulgação

mas não poderei estar presente. Agora, enterrarei em 2011, para expor em 2012. Minha ideia é levar um tema universal de amor, com cores vibrantes do nosso Brasil.

De que modo a cultura oriental influencia sua criação?

— Conheço muito pouco da cultura oriental, amo o Japão, estive lá três vezes. A primeira com o Paulo para assistir à peça *O alquimista*, musical que estava sendo encenado em Kobe, em 1998. A segunda, em 2009, no mês de fevereiro para enterrar os quadros no Caminho de Kumano, e no final do mesmo ano, para desenterrar e fazer a exposição em Hongu que é o final da peregrinação do Caminho de Kumano. É como se estivesse chegando a Santiago de Compostela. Eu fiz toda uma releitura do trabalho de um pintor japonês que também trabalhava com a natureza. Ele a retratava e em várias tempos. Ito Jakuchu (1716-1800) tem um trabalho lindo com os animais também. Além disso, sou fascinada pelos quimonos japoneses, enfim, por tudo que vem do Japão, mas isso desde criança. Tenho quimonos que desenhei e enterrei no Caminho de Santiago: nesse percurso, são dez ao todo.

Você, ao lado de seu marido Paulo Coelho (e de outras grandes personalidades), fez parte da delegação que, em outubro de 2009, em Copenhagem, defendeu a realização da Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro. Na sua opinião, qual deve ser o legado do evento para o País sob o ponto de vista da sustentabilidade ambiental?

— Eu fui acompanhando o Paulo, e fiquei muito feliz com a nossa vitória, espero que sejam criadas condições para maior conservação do meio ambiente. Principalmente no que diz respeito às águas, elemento tão fundamental na nossa vida. Sei que a Lagoa Rodrigues de Freitas foi toda despoluída. Assim, espero que isso seja preservado e que o ato se propague em outras lagoas também, em Jacarepaguá e na Barra da Tijuca, na nossa faixa de praias, e rios. A nossa cidade é linda e precisa ser muito bem tratada. Me orgulho de ser brasileira e de ter nascido no Rio.